

Organizações de agricultores e transformações recentes nos sistemas de produção na Amazônia Oriental

Márcia Muchagata¹

Os trabalhos acadêmicos mais recentes que analisam as transformações nos sistemas de produção nas diversas frentes pioneiras na Amazônia, seja no Brasil, na Bolívia ou no Equador em geral consideram o comportamento dos agricultores e suas opções técnicas dentro de um quadro que enfatiza os elementos estruturais dos sistemas de produção, tais como acesso a mercados, preço dos produtos e da terra, mão de obra, limitações do meio físico, etc. A maior parte destes estudos, que sem dúvida ajudam a compreender as transformações que ocorrem nestas regiões, são parcialmente inspirados pela teoria de escolha racional ('rational choice theory'), para a qual os agricultores atuam como atores econômicos que reagem racionalmente às condições do meio que lhes são apresentadas. No entanto, a maneira como os sistemas de produção evoluem e os recursos naturais são manejados é resultado de uma construção social. O modo como as pessoas agem resulta de uma série de negociações, envolvendo introspecção e resposta a outros atores. Neste sentido, de modo a entender e propor alternativas técnicas nessas regiões é necessário ir além da compreensão das propriedades dos sistemas de produção e das estratégias individuais dos agricultores. Precisamos entender também como diferentes interesses, muitas vezes contraditórios, interagem e como os modos atuais de gestão dos recursos naturais emergem das 'batalhas', abertas ou veladas, que são travadas entre os diferentes atores.

Este artigo analisa as transformações na região de Marabá, uma dinâmica frente pioneira na Amazônia brasileira, analisando o papel dos diversos atores nesta transformação e em particular o das organizações de trabalhadores rurais. O

¹ Pesquisadora Associada- Overseas Development Group- University of East Anglia UK
Doutoranda- School of Development Studies- University of East Anglia- UK
R. Jequitinhonha, 241 Santo André SP 09070-360 m.muchagata@uol.com.br

estudo analisa como três organizações estão implementando alternativas técnicas à degradação ambiental nessa região. O Movimento Sindical de Trabalhadores Rurais trabalha com um projeto de manejo florestal comunitário, o Conselho Nacional dos Seringueiros com um Projeto de Assentamento Agro-extrativista, e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra trabalha com agricultura mecanizada como alternativa a agricultura de corte e queima dominante na região. Através da análise da relação entre organização social e uso dos recursos naturais ao nível da localidades, procura-se traçar uma relação entre essa organização local e a atuação regional e nacional destas organizações, que se deparam com um série de atores que apoiam ou se contrapõem a seus projetos (agências estatais, ONGs, madeireiros, etc). Conclui-se sobre o papel fundamental das organizações nas transformações estruturais da fronteira e sobre a capacidade dos agricultores de transformarem condições do meio bastante adversas a seu favor; em outras palavras sobre a capacidade de agir para promover mudanças nas condições estruturais aparentemente 'dadas' e de difícil transposição, contrariando as visões que atribuem às condições estruturais a não adoção de práticas de agricultura sustentável nas fronteiras Amazônicas.